ANO 32.º — Sábado, 28 de Outubro de 1939 — N.º 1600

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: IMPRENSA UNIVERSAL
Rua Combatentes da G. Guerra — Telef. 125 — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto — Agência Havas

O princípio duma orgânica

Natureza e amplitude

Já está dito que o *Regionalismo* é um movimento social e nacional. Exige, portanto, para íntegra eficiência, uma definição de soberania. Que espécie de soberania? Habituados, como estamos, a viver num meio social de permanente injustiça, quási sempre nos aflora aos lábios um sorriso de descrença quando nos vêm falar na realização da Justiça, ainda mesmo no seu alcance moral... Pois o *Regionalismo* pretende realizar a soberania da Justiça.

Como?

Analisemos a natureza e amplitude do movimento para o compreendermos.

Descentralizador e orgânico, o *Regionalismo* pretende servir o Homem, pondo-se ao seu serviço incondicionalmente. E' assim que, para prover às suas necessidades vitais e personalistas, principia por colocar o próprio Homem, em si mesmo, ao serviço da Pessoa Humana. Isto é: o Homem realiza os seus destinos materiais e espirituais dentro da comunidade e é responsável absoluto pela sua liberdade. Rasgando êle os seus horizontes sociais de baixo para cima, integra se numa ordem anti-burocrática, humana, numa ordem só possível nos braços generosos da Justiça, fazendo erguer da base local ao vértice nacional todo um fluxo completo de energias criadoras e voluntárias. E' esta a única maneira possível de acabar ao mesmo tempo com o apanágio das maiorias (discutíveis maiorias), com o despotismo das minorias, com o predomínio das oligarquias e com o terror tantas vezes justificado e nunca remediado da omnipotência burocrática. O já clássico e desdenhado mito da *soberania popular* encontra no *Regionalismo* o seu complemento e a sua efectivação. E' que o Estado passa a limitar-se a elemento coordenador e a ser o intérprete fiel e directo de tôda a Nação, cujas fôrças vivas se representam em absoluto pé de igualdade. Não teremos a lamentar medidas legislativas, nem mesmo executivas, inadaptadas a regiões, a municípios ou a localidades, porque o que se fizer será a expressão fiel do povo dêsses aglomerados nacionais. O Homem, na sua total significação e na total extensão de normalidade, fará ouvir a sua voz, que é a voz da Terra, do Trabalho e da Justiça em todos os empreendimentos de envergadura nacional.

A natureza social do *Regionalismo* é, por conseqüência, comunitária num âmbito de crescentes perspectivas que vão alargando, em responsabilidade e em coordenacão, as atribuïções da autoridade livremente escolhida e livremente aceite. A sua amplitude, que é essencialmente personalista, abrange todos os aspectos do Trabalho — matérias-primas, técnica e mão-de-obra — integrando-os na engrenagem activa da Nação. A comunidade, nos vários graus que abragem todos os círculos da sua formação ascensiva, e a Pessoa Humana, também sob tôdas as formas da sua actividade produtiva e criadora, são, em verdade, a verdadeira definição de *Regionalismo* tal como êle aqui é visto à luz dos conceitos expostos. E o *Regionalismo* é apenas a nossa feição interna, porque «*herdeiros de Roma, a vocação dos portugueses é profundamente universalista*» (1) no plano da nossa projecção exterior!

«*Tornar o Poder independente de tôdas as pressões externas, mas limitá-lo pelas liberdades regionais e sindicais;* dar ao Poder um sentimento polarizador de tôdas as correntes do pensamento nacional, mantendo, porém, o principio da unidade na diversidade; *inspirar o Poder nos anseios do Povo*, como seu intérprete, jamais como seu escravo; *organizar o Poder num plano superior às engrenagens do Estado, de forma a que jamais com elas se confunda e burocratize;* fazer finalmente, do Poder, o centro activo que impulsione o organismo nacional, sem pretender substituir-se-lhe nas iniciativas — o Poder, centro espiritual que interprete, fiscalize, coordene, anime e proteja tôdas as possibilidades do desenvolvimento da Pessoa Humana e a colectividade nacional — eis as linhas gerais do plano revolucionário (2) que o *Regionalismo* perfilha e adopta.

Isto pelo que respeita à soberania. Mas a soberania não é mais do que o meio garante de a Personalidade atingir os seus fins. O *Regionalismo* não é possível, conseqüentemente, sem que se pratique uma política da personalidade, uma politica substancialmente *humanista* na suprema grandeza dos seus efeitos.

A dispersão individualista do Liberalismo conduz à tirania dos *fortes* sôbre os *fracos*.

O Poder discricionário, em sistemas de forte estatismo, conduz à tirania dum homem ou dum grupo sôbre a nação.

Fórmula revolucionária: *Tudo pelo homem.*

A nação, o sindicato, a família, são o meio.

O *fim* está no homem.

Se *homem* quere dizer *pessoa*, a Personalidade é, em si própria, o lugar geométrico dos direitos e deveres do homem em comunidade. «Como era homem de sua pessoa e desejoso de honra...», diz João de Barros.

Sem comunidade não há personalidade, mas *é* o homem que faz a comunidade. Criando-a, o homem quis reforçar as possibilidades da pessoa humana e nunca diminuí las.

A comunidade foi, pois, feita para o homem e o homem não pode ser seu escravo.

. . . .

O homem *é*, primeiro, a Pessoa; quere dizer, responsável e, portanto, livre.

. . . .

O homem dá à comunidade o imposto, a sua parte de esfôrço espiritual e económico, o seu sangue na defesa do território.

Pertence à comunidade garantir-lhe: a liberdade, a retribuïção justa do seu trabalho, a habitação digna, a assistência, a reforma na velhice, tudo o que possa contribuir para o desenvolvimento da sua capacidade mental e moral — pão e justiça». (3).

O Estado ficará então, necessàriamente, num campo de simples executor das determinativas comunitárias em prol da Pessoa Humana.

JORGE VERNEX.

(1) — Do Livro *Justiça*, aparecido em 1936, páginas 165.

(2) — Obra citada, pág. 94.

(3) — Obra citada, pág. 88-89.

Reunião

—o—

O *Diário de Coimbra* lançou um convite a todos os colegas da Imprensa das Beiras para que se façam representar numa reunião prestes a efectuar-se naquela cidade com o fim de tratar de assuntos de interesse colectivo.

Pela parte que nos diz respeito pedimos nos considerem desligados de tudo que não seja um movimento geral, isto é: que abranja a imprensa regionalista de todo país, de harmonia com as opiniões expostas em alguns números do *Democrata*.

E ficamos entendidos.

AZEITE

—x—

Estão carregadas de fruto as oliveiras. E que graúdo! E' cada azeitona! Se se salvar vamos ter alegres *tiburnadas*, um ano abundantíssimo do precioso óleo.

Deus queira. Já que houve muito bacalhau, haja, também, com que o demolhar...

Trabalho artístico

—x—

Vai a caminho de Lourenço Marques uma valiosa peça de cerâmica encomendada à Fábrica Aleluia, desta cidade, e que muito honrará o estabelecimento fabril da nossa terra na capital da Beira.

Foi pena não haver tempo para a expôr, como merecia, de modo a poder ser admirada por todos os aveirenses.

Ninguem acredita

O *grande panfletário* diz que tôdas as semanas recebe queixas contra a *péssima administração municipal*.

Ninguem acredita. A administração municipal é exercida com zêlo e dentro dos regulamentos e das leis.

Ai se assim não fosse!...

Depois os homens que estão à frente do Municipio... A sua honorabilidade... A sua honesta conduta...

Toda a gente os conhece em Aveiro. E sobre os intuitos do *grande panfletário* não há duas opiniões...

Triste fado!

Além túmulo

João Rosa

Completam-se àmanhã vinte e um anos sôbre a sua morte. Foi um zeloso funcionário dos correios, ainda hoje lembrado por aquêles que, como o saudoso extinto, acompanharam de perto o movimento republicano e se conservaram fieis ao Ideal, através de tôdas as vicissitudes e de tôdas as arremetidas dos adversários.

Recordâmo-lo.

O pôrto de Aveiro

Em edição da Junta Autónoma da Ria e Barra e com os cumprimentos do seu digno presidente, o nosso velho amigo tenente-coronel Gaspar Ferreira, que, com muita inteligência, zelo e actividade, também já exerceu o espinhoso cargo de governador civil do distrito, recebemos, em opúsculo, a conferência realisada nesta cidade pelo sr. Fernando de Sousa, a 24 de Julho de 1938, e na qual o velho jornalista lisbonense, director de *A Voz*, poz mais uma vez em evidência os seus vastos conhecimentos àcêrca da nossa barra, dos melhoramentos de que carece e beneficios correspondentes, emitindo ao mesmo tempo a sua opinião sôbre o problema a que o Govêrno do Estado Novo já dedicou uma parcela, não pequena, da sua atenção com as obras mandadas executar.

O Democrata agradece a deferência com que o distinguiu a Junta Autónoma, organismo local que reune o maior prestígio desde a entrada para a presidência do seu actual orientador.

Efemérides

28 de Outubro

1748—Nasce Danton, figura de destaque na revolução francesa.

1840—Nasce José Fontana, que durante a sua existência se distinguiu pelas suas ideias socialistas.

1898—E' prêso Franca Borges por ter publicado na *Lanterna*, de que era director, um artigo com o título —*Actualidade*.

Julgamento

No Tribunal Militar foi, há dias, julgado um oficial sôbre quem recaia a acusação de ter agredido uma dactilografa. O caso era grave. Numa mulher não se bate nem com uma flôr... Mas quando aparecem dactilografas dispostas a confundir pacificos cidadãos com máquinas de escrever — ó pai! — uma tranca ainda é pouco para as conter em respeito.

O Tribunal absolveu o réu por se provar a legítima defêsa...

Imprensa Regional

———

Dum artigo assinado por Mesquita Junior no quinzenário de Oliveira do Bairro, *Alma Popular*:

. . . .

Todo o homem de desempoeirado espírito deve defender, na imprensa ou no livro, os interêsses da *Imprensa Regional*, tão mal compreendida. Ela dispõe da grande fôrça jornalística, computada em 400 periódicos, ou sejam milhares de páginas que, semanal e quinzenalmente, levam a luz às aldeias mais recônditas do nosso lindo Portugal, instruindo, ensinando, divulgando os mais curiosos temas, os problemas da actualidade; são centenas de jornais que nos falam de Portugal a todo o instante, que compreendem milhares de trabalhadores que vivem da «Pequena Imprensa».

A crise que se desenvolve na Imprensa Regional, àlém de prejudicar a instrução da massa anónima, dos que a sorte não protegeu, que vivem, ùnicamente da gleba, também vai directamente atingir os profissionais da «Pequena Imprensa» e tôdas as artes a esta concernentes.

E' preciso, pois, não deixar morrer a Imprensa da província.

E' preciso dominar a indeferença de muitos, dos que não compreendem a acção honesta, patriótica, da Imprensa Regional, para que esta possa vencer os obstáculos, os sacrifícios que lhe são impostos pela crise hodierna.

Deve-se auxiliar a Imprensa Regional no cumprimento da sua missão espinhosa, porque a sua finalidade é admiràvelmente patriótica. Não tem fins mercantilistas.

Não dispõe dos recursos nem da fonte de receita que teem os grandes rotativos.

Vive do seu trabalho, do seu esfôrço.

Todo o homem de desempoeirado espírito, por isso, deve auxiliá-la e defendê-la, porque defendendo-a e auxiliando-a — contribue para o ganha-pão quotidiano de milhares de portugueses, contribue para a instrução do nosso bom povo rural, ensinando-lhe o caminho recto da Justiça, da Razão, do Direito e da Verdade.

Ainda aparece, de vez enquando, quem nos reconheça o valôr e nos faça justiça, tendo para connosco deferências a que não andamos acostumados.

Mas é tão raro...

Êste número foi visado pela Censura

FINADOS

—o—

Na quarta e quinta-feira da próxima semana são dias que a tradição consagra ao culto dos mortos.

Os dois cemitérios da cidade serão transformados em jardins devido à quantidade de flôres que é costume, nesses dias, espalharem-se pelas sepulturas, onde, para sempre, repousam aqueles que a Morte vai ceifando na seara tenebrosa dêste mundo de enganos...

Durante essa romaria de tristeza e de amargura vertem-se lágrimas, rezam-se orações, fazem-se preces. A' nossa imaginação acorrem, então, os entes queridos à medida que as saudades mais vivas se renovam e toda a Humanidade se curva ante a memória dos que abalaram para as regiões desconhecidas do Além!

Se ali acaba tudo!

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal — AVEIRO

O "Novos Mares,,

—o—

Este lugre da frota bacalhoeira de Aveiro, pertencente à empreza Testa & Cunhas, também já chegou, tendo de ir aliviar a carga ao Porto por o seu calado de água não lhe permitir entrar a nossa barra.

Não falta agora mais nenhum, constatando-se que, duma maneira geral, todos pescaram bem, fazendo uma exelente campanha, não só pela abundancia de bacalhau que conseguiram trazer, mas ainda devido à saúde inalterável do pessoal nela ocupado.

As nossas felicitações a tôdas as emprezas.

"Images Portugaises,,

E' êste o título dum album editado em francês pelo Secretariado da Propaganda Nacional e cujo exemplar agradecemos.

Lá vem, no meio das suas folhas, o túmulo de Santa Joana, as marinhas de sal, os barcos da nossa ria e tantos outros motivos atraentes, que, decerto, hão-de despertar a curiosidade dos estrangeiros, criando-lhes o desejo de visitarem Portugal.

E há cá tanto que vêr, admirar e apreciar!

Para ponderar

Já por várias vezes tem acontecido o que no último sábado se deu com o funeral do sr. Francisco Pinto de Almeida: estar marcado para as 17,30 horas e efectuar-se às 18,15, ou seja quarenta e cinco minutos mais tarde.

Não está certo. Pois a muitas pessoas que deixaram as suas ocupações para se encorporarem nêle fez algum desarranjo o estarem tanto tempo à espera. Haja, portanto, mais cuidado, de futuro, para que não voltem a repetir-se casos idênticos, que se tornam aborrecidos.

Aos vinicultores

—o—

Lembramos que termina no dia 31 do corrente mez — terça-feira, — o prazo para a entrega dos manifestos da presente colheita e das existências de produtos vínicos de colheitas anteriores.

Os boletins devem ser entregues nas delegações da Junta Nacional do Vinho, que presta todos os esclarecimentos.

IMPRENSA

«REVISTA DOS CENTENÁRIOS»

Publicou-se o n.º 9, que continua a ocupar-se das comemorações projectadas para 1940.

Mas efectuar-se-ão elas mesmo através o que a guerra faz prever?

«ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO»

O n.º 18 desta revista trimestral, que temos presente e de que é editor o sr. dr. Ferreira Neves, continua a cumprir a missão que se impôs de forma a valorizar-se cada vez mais.

Só nos honramos com isso.

«O TRABALHO»

Recebemos a visita dêste semanário republicano, que há sete anos vê a luz da publicidade em Vizeu e é dirigido e editado pelo sr. Anastácio José dos Santos. De formato moderno e muito noticioso, o *Trabalho* é ainda um jornal bem redigido e de magnífico aspecto gráfico.

Cumprimentâmo-lo.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

NO LICEU

Teve logar no último sábado a sessão solene de abertura das aulas no Liceu de José Estêvão à qual presidiu, ladeado por outras entidades, o reitor sr. dr. Euclides Simões de Araujo, que falou sôbre o rendimento do ensino no ano findo, sobre os deveres dos encarregados de educação e por fim dirigiu aos alunos palavras de incitamento e de amor ao estudo.

Seguiu-se-lhe o sr. dr. José Gomes Bento, que proferiu a *Oração de Sapientia*, versando o ensino da Filosofia nos liceus e recolhendo, no final do seu trabalho, muitos aplausos.

Antes de encerrar a sessão o sr. reitor fez a distribuïção dos seguintes prémios: 100$00, da *Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro* à menina Maria Ondina Leal Gomes Leite que no ano lectivo findo obteve a mais elevada classificação na disciplina de Português, e igual quantia, do *Governador Civil Nicolau Anastácio Bettencourt*, à aluna Alice Valente Génio por ter obtido distinção (16 valores) no seu exame do 6.º ano, no mês de Julho.

A sessão realizou-se na sala da Biblioteca, tendo assistido muitas famílias e encarregados da educação dos alunos.

Trincheira dum crente

Documentos históricos

A guerra actual é, em muitos aspectos, semelhante à guerra de 1914.

E' interessante constatar o paralelismo das duas situações de guerra, em que simplesmente variam os povos,que fazem parte de um ou do outro bloco de nações que comanda a luta.

Até o desejo veemente de paz expresso pela Alemanha, de firmar a paz com vantagens, a paz que fôsse uma vitória, é em absoluto o mesmo.

Nas lutas e divergências entre os povos há sempre uma questão de interêsses. Mas agora como em 1914, os interêsses dos aliados coincidem com os interêsses das restantes nações, sobretudo das pequenas e, até com os interêsses da civilização e dos valores supremos da alma humana.

Por a julgarmos curiosa, edificante e da máxima oportunidade neste momento angustiante da Europa, transcrevemos o texto da nota alemã, de 12 de Dezembro de 1916, entregue pelo embaixador americano a Lord Roberto Cecil, secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, para o que chamamos a esclarecida atenção do leitor:

A mais terrível guerra conhecida na história assola há dois anos e meio uma grande parte do mundo. Esta catástrofe que os laços de uma civilização comum mais que milenária não tem podido deter, comove a humanidade no seu mais precioso património, e ameaça sepultar debaixo de suas ruinas o progresso moral e material de que a Europa se orgulhava ao raiar do século XX.

Nesta luta a Alemanha e as suas aliadas Austria-Hungria, Bulgaria e Turquia têm dado provas de sua indestrutível fôrça, obtendo consideráveis triunfos na guerra. As suas linhas inquebrantáveis resistem aos incessantes ataques dos exércitos inimigos. A recente intervenção dos Balkans foi rápida e vitoriòsamente paralisada.

Os últimos acontecimentos têm demonstrado que a continuação da guerra não pode quebrar o poder da sua resistência, e a situação geral ainda mais os levam a só esperar novos triunfos. Foi a defesa da sua existência e a liberdade do seu desenvolvimento nacional que levaram as quatro potências aliadas a pegar em armas.

O triunfo de seus exércitos não tem alterado a sua maneira de pensar e nem por um só instante se afastaram da convicção de que o respeito pelos direitos das outras nações não é de modo algum incompatível com os seus próprios direitos e interêsses legítimos. Não pretendem esmagar ou aniquilar os seus adversários. Conscios da sua fôrça militar e económica, e prontas a continuarem até ao fim a luta que lhes foi imposta, mas animadas ao mesmo tempo pelo desejo de evitar mais derramamento de sangue, e pôr fim aos horrores da guerra, as quatro potências aliadas propõem desde já entrar em negociações de paz.

Estão convencidos que as propostas que têm para apresentar e que tendem a assegurar a existência, a honra e o livre desenvolvimento dos seus povos são tais que podem servir de base para a restauração de uma paz duradoura.

Se, a-pesar desta oferta de paz e de conciliação, é, todavia, necessário que a luta prossiga, as quatro potências aliadas estão decididas a continuá-la até ao fim, declinando solenemente tôda a responsabilidade perante a humanidade e a história.

O govêrno imperial tem a honra de solicitar, por vosso intermêdio, ao govêrno dos Estados Unidos o favor de transmitir a presente comunicação aos governos da República Francesa e da Gran-Bretanha, aos governos do Império da Rússia e do Japão, aos govêrnos do Reino da Rumânia e da Sérvia.

No próximo número publicaremos a resposta dos Aliados, que não deixará de impressionar o leitor pela perfeita semelhança com a atitude que estão a manter presentemente a Inglaterra e a França.

J. Carreira

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no dia 22, o sr. capitão António Luis Caria Rodrigues, de Infantaria 19; àmanhã fá-los o menino António Alberto, filho do sr. António da Costa Ferreira; no dia 30, a sr.ª D. Maria Eduarda da Cunha Pereira, esposa do sr. Anselmo José Lopes Ferreira, e os srs. Alfredo Esteves, director do Banco Regional e Romão Júnior, mestre de modelação da Escola Fernando Caldeira; em 31, o nosso amigo Severim Duarte, activo comerciante local; em 1 de Novembro, os srs. Carlos Branco de Carvalho e Albano Duarte Silva, residente em Coimbra, e em 2, a menina Ana Tavares de Sousa, irmã do sr. António Tavares de Sousa e a inocente Maria Fernanda, filhinha do sr. Raul Marques de Almeida, chefe da Agência da Caixa Geral de Depósitos de S. João da Madeira.

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo e após o registo civil celebrado na residência dos pais da noiva, teve logar, no último sábado, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Rosa Cardoso Vieira Gamelas, prendada e gentil filha da sr.ª D. Mafalda Cardoso Vieira Gamelas e de seu marido, o nosso amigo dr. José Vieira Gamelas, hábil clinico local, com o sr. engenheiro José Pereira Zagalo, filho do falecido desembargador dr. Pereira Zagalo, de saudosa memória.

Paraninfaram, por parte da noiva, sua tia e avô maternos, respectivamente a sr.ª D. Maria da Conceição Gamelas Tavares e o sr. Manuel Leandro Cardoso, residente em Penafiel; e pelo noivo sua mãi a sr.ª D. Emeletina Pereira de Sousa Zagalo e o sr. dr. Lourenço Peixinho, que se achava representado por seu filho dr. António Peixinho. De caudatários serviram os meninos Maria Adozinda Gamelas Cardoso e Mário Gamelas e de portadores das alianças Maria de Lourdes Gamelas Cardoso e João Carlos Zagalo.

Finda a cerimónia religiosa, a comitiva dirigiu-se novamente para casa dos pais da noiva, onde foi servido um fino e abundante copo de água, *durante o qual brindaram pelas venturas do novo lar, os srs. dr. José Pereira Tavares, dr. Ferreira Neves, João Zagalo, dr. Jaime Silva, capitão João Tavares e por último o pai da noiva que não escondia a sua comoção em presença do acto que acabava de se realizar.*

Entre os convidados estavam presentes, além dos acima mencionados e respectivas esposas, mais as sr.as D. Mariana Azevedo, D. Maria José Manes Nogueira, D. Benedita Vieira Decrook e D. Maria Pereira Zagalo; as mademoiselles, *Maria Cândida Robalo, Maria Rosa Leite Ferreira, Marilia Miranda Salgueiro, Maria Virgínia M. Salgueiro, Maria José Gamelas, Maria Benedita Decrook, Maria Mourão Gamelas, Maria Gabriela Ferreira, Maria Estela Zagalo e Judith Zagalo; e os srs. dr. José de Almeida Azevedo, José Ferreira Pinto e Sousa, alferes Evangelista de Oliveira Barreto, dr. Henrique Paz (filho) e Manuel dos Santos Ferreira e esposas e dr. Vitorino Cardoso, capitão Amilcar Gamelas e Fausto Ferreira.*

Na corbeille *riquissimas prendas e de fino gosto.*

Aos noivos, que seguiram de automóvel para o norte em viagem de núpcias e que hoje devem partir para Bissau (Guiné Portuguesa) deseja O Democrata *um futuro perene de venturas.*

Partidas e Chegadas

Com sua esposa e filhinha partiu para Paredes (Douro) o sr. Joaquim Coelho da Silva, chefe de conservação de estradas, que à sua terra veio gosar a licença.

—Para Alverca também seguiu o furriel-aviador João da Cruz Novo, que, por igual motivo, aqui passou algumas semanas.

—Retirou para a capital onde passará uma temporada, o nosso conterrâneo dr. Luis Simões Peixinho.

—Partiram para Lisboa os srs. dr. José Maria Soares Carinha e José Cristo.

—De visita esteve nesta cidade o sr. Pedro Vasco Colares Pinto, gerente da filial do Banco N. Ultramarino de Gouveia.

Doentes

Com reumatismo estiveram alguns dias retidos em casa os srs. dr. Lourenço Peixinho, activo presidente do município, e tenente Júlio Trindade.

—Recolheu a um quarto particular do nosso Hospital, com a saúde abalada, a sr.ª D. Maria Máxima Rebocho Vaz, esposa do sr. capitão João Abel Rebocho Vaz.

Desejamos as melhoras de todos.

Fornos de cozer pão à maquia

—o—

Por ter saido com algumas inexactidões, novamente se pública a seguinte nota oficiosa:

Na Inspecção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas, ou suas Delegações, de que a 1.ª Delegação tem a séde na Rua Miguel Bombarda, 132, Porto, termina no dia 13 (trêse) de Novembro próximo futuro, nos termos do Decreto-lei n.º 29.815, de 10 de Agosto do ano corrente, o prazo de recebimento das participações para registo dos fornos de coser pão à maquia, existentes à data da publicação do Decreto n.º 18.820, de 5 de Setembro de 1930.

Findo êste prazo não poderão ser legalizados mais fornos desta natureza, devendo ser demolidos todos aqueles cujos possuidores não tenham procedido à devida inscrição e sendo-lhes aplicada a respecitva multa e adicionais.

A partir de 13 de Novembro procederá esta Inspecção Geral contra todos os indivíduos que não tenham observado rigorosamente a referida prescrição legal.

Pôrto, 24 de Outubro de 1939.

O Chefe da Delegação,

(a) João Braga

Secção Desportiva

As «Regatas do Outono» a realizar ámanhã, devem revestir-se de grande brilhantismo

O Canal das Pirâmides vai aparecer ámanhã com outra fisionomia, devido às provas de remo e de natação que ali se vão realizar, promovidas pela Secção Nautica do *Club dos Galitos* e com a cooperação da *Associação Naval 1.º de Maio,* da Figueira da Foz, e *Club Nautico* e *Viana Foot-Ball Club,* de Viana do Castelo.

O CANAL DAS PIRÂMIDES ONDE SE REALISAM AS REGATAS

Este festival desportivo, que o mau tempo impediu que se efectuasse no dia 15 do corrente, vai agora ter a sua realização, devendo ser observado o mesmo programa elaborado para aquele dia e que aqui reproduzimos.

Conforme já também noticiámos, há cinco taças a disputar — *Ria de Aveiro, Rio Vouga, Câmara Municipal, Club dos Galitos* e *Cidade de Aveiro* — devendo os prémios serem distribuidos à noite durante uma sessão solene que se efectuará no salão nobre do *Club dos Galitos.*

Tudo leva a crêr, pois,que as *Regatas do Outono* vão atrair á nossa terra muitos entusiastas dos desportos nauticos que entre nós já atingiram o seu apogeu,graças aos esforços de Mário Duarte, que tanto contribuiu para a realização de festas dêste género na nossa terra.

As provas de amanhã terão o seu início pelas 15 horas prefixas.

A indústria do papel

Sustenta um jornal de Lisboa que não existe no nosso país a indústria papeleira — no sentido verdadeiro da palavra. E explica:

Estamos a algumas semanas do início da guerra e já as empresas dos pequenos jornais pedem aflitivamente socorro às grandes para que estas lhes cedam as escassas bobinas necessárias para a sua tiragem resumida. **No mercado não há papel** — dizem e não mentem.

Onde está, então, a indústria nacional?

Se tem matéria-prima nacional porque não a manufactura?

Não a manufactura — respondemos nós — porque essa matéria-prima não existe ou se existe as «fábricas nacionais» não têm maquinismos capazes de a elaborar em pasta.

A pasta de papel, a massa de celulose foi sempre importada dos portos do Baltico e do Mar do Norte e hoje, como elemento do fabrico de explosivos, é matéria de contrabando de guerra visada cuidadosamente pela fiscalização dos mares.

Na Alfândega está uma pequena porção de pasta importada antes da guerra mas logo que ela seja transformada no tal «papel nacional», adeus «papel português»!...

Em 1914 existiam as mesmas fábricas, as mesmas máquinas, o mesmo sistema de laboração levado a cabo pelas mesmas pessoas, mas como o **direito de protecção à tal indústria nacional era muito menor** havia muito maiores reservas de papel estrangeiro e a crise só mais tarde se fez sentir. Houve corridas ao papel, subidas de preços — **havia** papel.

Agora quási não há. A lição não aproveitou. Parece-nos que seria boa a ocasião para preguntar a êsses «industriais nacionais» de nacionalidade estrangeira: onde está a sua indústria? Onde está o papel de que o país precisa e que êles têm obrigação de lhe fornecer visto que à sombra dos favores duma pauta, favores que os tem enriquecido, êles são considerados «industriais portugueses» explorando uma «indústria portuguesa?»

Em Portugal não faltarão até o fim da guerra — muito longa que ela seja — os vinhos do Pôrto, as conservas de peixe, as frutas sêcas, as bolachas, os tecidos de lã. Porquê? Porque estas são, de facto, indústrias nacionais, credoras de todo o fomento, de tôda a protecção pautal, de tôdas as atenções do Código Comercial.

Que vão fazer agora os pequenos jornais, as revistas, etc.? A que preço vão ser vendidos os livros de estudo, já escandalosa e proìbitivamente caros?

Extensas e graves vão ser as conseqüências desta mentira industrial que a poucos aproveitou enquanto viva e que neste momento, em que o Destino a esfrangalhou, a muitos vai prejudicar.

Não esperemos a terceira lição.

Seria maldade ou parvoice.

E' isto. Mas quem sofre, sofre, não havendo hoje possibilidade de remediar o caso.

Se a guerra se prolongar, muito havemos nós de ver.

Agradecimento

— x —

Irmão, esposa e filhos do saüdoso Avelino Garcia, vêm, por êste meio, patentear a todos quantos se interessaram pela doença do extinto e o acompanharam à sua última morada, o seu indelevel reconhecimento, esperando que lhes sejam perdoadas algumas faltas que involuntariamente tivessem cometido.

Aveiro, 20 de Outubro de 1939.

Arte

A exposição Manuel Tavares

Não nos enganámos. Os seus quadros, agora expostos no Salão Silva Porto, da cidade invicta, teem sido muito apreciados e a crítica tece-lhe ilogios.

A propósito, respigamos do *Comércio do Porto,* de segunda-feira, esta referência:

Manuel Tavares, pintor ja conhecido dos nossos amadores de arte e já afirmado em certamens anteriores, acaba de abrir, no Salão Silva Pôrto, uma nova exposição de óleos e aguarelas — que serviu para a inauguração da temporada artística de 1939-1940.

Este distinto artista — moço ainda, mas de apreciáveis e pessoais faculdades de trabalho — vem, de ano para ano, mais vincando o seu valor artístico e melhor definindo a sua personalidade.

São constantes e assináveis os progressos de Manuel Tavares, pintor modesto mas expontâneo e em quem é lícito reconhecer apreciabilíssimas faculdades de sentimento e tendência artísticos.

Nesta sua nova exposição, Manuel Tavares patenteia-nos, bem flagrantemente, em mais de trinta aliciantes trabalhos, a sua arte que é tocada dum sugestivo lirismo e duma adorável sinceridade.

Dá-nos, desta vez, a par dum conjunto encantador de aguarelas delicadas, alguns *óleos* trabalhados com expontaneidade e expressão — mostrando-nos ainda quão ductil é o seu temperamento artístico.

Assim, dá-nos *interiores,* bem detalhados e observados, como *Virgem Imaculada,* que é duma grande riqueza de pormenores, e *Interior de Santo Ildefonso*; flôres, trabalhadas com delicadeza, como os quadros *Sortidas, Um escudo de flôres e laranjas;* figura, cheia de justeza, como êsses adoráveis trabalhos *Peixeira, Perfil minhoto* e *Cabeça de Cigana*; paìsagem, em que se admiram trabalhos de vulto, como *Margens do Vouga, Rochedos da Foz, Chuva nas Marinhas* — dum realismo absoluto — *Monte da Virgem, Cumiada do Caramulo, Rebentação* — que é um trabalho muito bom, sem favor — *Miragem do Monte da Virgem, Caminho do mar,* etc..

Nesta interessante exposição — que merece a melhor atenção dos nossos apreciadores de arte — os aspectos característicos do velho burgo portuense ocupam um dilatado lugar.

Manuel Tavares soube, através da sua sensibilidade, *surpreender* os vetustos e típicos aspectos tripeiros e soube *compreender* o carácter, a alma e a fisionomia da parte antiga da nossa cidade.

Assim, dá-nos, com relêvo e justos detalhes, aspectos nossos, como *Beco de Miragaia, Miragaia, Clérigos, Nevoeiro na Ribeira, Vitória, Arcos da Ribeira Barrêdo,* etc., acusando todos êstes trabalhos uma grande probidade artística, uma nítida visão e um apurado espírito de observação.

Manuel Tavares fixou, nos seus cartões, êstes aspectos portuenses duma maneira assás original.

Todos os trabalhos são bem lançados e teem frescura.

Já foram adquiridos alguns quadros.

Esta galeria de arte — que tem sido muito visitada — continua franqueada ao público no Salão Silva Porto.

A' vista do exposto só nos resta felicitar Manuel Tavares pelos seus novos triunfos, que lhe devem servir de estímulo para prosseguir.

CARTA DE LISBOA

26 de Outubro

O nosso exemplo

O sr. General Carmona, venerando Chefe do Estado é, presentemente, o décano dos chefes de Estado electivos de todo o mundo. É que depois da renúncia do Presidente Inácio Moscicki, o chefe da pobre, heróica e infeliz Polónia, é o sr. Presidente da República Portuguesa, entre os chefes de Estado que não sobem ao poder mercê de direito hereditário, aquêle que há mais tempo se encontra no Govêrno. Do mesmo ano que o sr General Carmona, mas tendo chegado ao poder meses depois de em Portugal haver eclodido a Revolução Nacional, só o Presidente da Lituânia, dr. Antonas Smetona. Depois, todos os demais chefes de Estado electivos estão no Poder há menos tempo que o sr. General Carmona.

Dêste modo, mais uma vez se põe em evidência o valor da estabilidade governativa existente em Portugal desde o advento da Revolução Nacional. Enquanto em Espanha, a nação amiga, vizinha e irmã, graças à política desnorteada que nela existiu até à vitória da Revolução Nacionalista, tem havido durante a presidência do sr. General Carmona, nada menos de cinco chefes de Estado: Afonso XIII, Alcalá Zamora, Martinez Barrio (interino), Manuel Azaña e generalíssimo Franco; enquanto são poucos os países que na última década não tem mudado, até mais duma vez, de chefe supremo, Portugal mantém há quási catorze anos, na mais alta magistratura da Nação, a figura querida e veneranda do sr. Presidente da República. Tem sido, de resto, esta estabilidade governativa de que o sr. General Carmona é um admirável exemplo, que tem constituido um dos melhores e mais valiosos factores do nosso progresso, dêste nosso movimento de renovação que tem espantado o mundo.

Até na permanência do seu Chefe de Estado o Portugal da Revolução Nacional tem sido o exemplo no qual muito e muito têm de aprender os outros povos.

Mas, nunca é demais acentuá-lo: êste facto nunca teria sido verificado se na nossa terra não existisse o regime implantado por Salazar, graças ao qual tôda a nossa renovação tem sido possível.

Amisade luso-espanhola

As homenagens prestadas por Lisboa aos restos mortaes do General Sanjurjo que há pouco foram levados para Espanha, onde ficarão dormindo o derradeiro sono, são bem a prova eloqüente do que é e vale a amisade luso-espanhola, hoje mais do que nunca estreita e apertada.

Lisboa em pêso acorreu a homenagear essa grande figura de herói e patriota espanhol que foi também um dos obreiros da Espanha renovada, porque naqueles restos inanimados do grande militar era tôda a Patria cavalheiresca de Cid que Lisboa, nessa hora representante de todo o país, exaltava e cultuava.

A acção da C. A. P. I.

Iniciou já a sua benemérita acção, êste ano, a admirável instituição que é a C. A. P. I., criada pelo Estado Novo para acudir aos pobres no inverno. Foram já distribuidas as circulares a todos aqueles que podem e devem contribuir para que a admirável organização possa cumprir o seu dever: levar um pouco de bem-estar e confôrto aos mais necessitados, pelo menos na quadra terrível do inverno. Resta agora que todos aqueles para quem a C. A. P. I. apelou se disponham a cumprir o seu dever, se disponham a auxiliar a obra benemérita da prestante instituição. O Estado cumpriu já e o melhor que pôde o seu dever. Que todos os portugueses, mas todos, sem excepção, ricos ou remediados, cumpram o seu. No dia em que assim fôr haverá menos miséria e à medida que esta fôr desaparecendo será melhor e mais sólida a paz e o progresso porque todos os povos, e justamente, anseiam.

GIL DO SUL

O TEMPO

Vá lá, vá lá, que o Outono parece querer fazer agora a sua obrigação. Os últimos dias têm estado lindos, mas frios.

Resta saber se se prolongarão e até quando.

Director Escolar

Requereu a sua aposentação o sr. Raúl Martins Leite, que durante alguns anos orientou o ensino primário do nosso distrito.

Era um funcionário muito correcto e atencioso, deixando, por isso, as melhores impressões entre o professorado.

Correspondências

Quintans, 26

Num dos últimos domingos, quando o sr. Abílio Cruz, negociante dêste logar, passava no seu automóvel por Cacia e para se desviar duma vaca, que atravessava a estrada, foi de encontro a um muro, resultando do embate ficarem feridos sua esposa, a sr.ª D. Izabel Pinto da Cruz, e dois filhos, mas sem gravidade.

— Também por aqui lavra uma doença intestinal, atribuida ao tempo, visto quási todos os anos acontecer o mesmo nesta época.

—Ainda se não apagaram de todo as recordações da nossa festa, continuando os mordomos a ser merecidamente elogiados pela grandiosidade de que foram revestidas.

C.

Oliveirinha, 26

Regressou de Lisboa com sua esposa, o nosso amigo José Pachão, que dentro em breve conta regressar à América.

— Faleceu a semana passada com 24 anos e no estado de solteira, a filha Glória de António de Almeida.

C.

Nariz, 26

Faleceu na última sexta-feira nesta freguesia, onde tinha, há muito, a sua residência, o sr. dr. Manuel Mateus de Almeida Seabra, médico e rico proprietário, casado com a sr.ª D. Helena Vieira de Carvalho Seabra, de quem deixa quatro filhos: D. Maria de Carvalho Seabra, Bernardino de Carvalho Seabra, José de Carvalho Seabra e engenheiro António de Carvalho Seabra, que exerce a sua profissão em Lisboa.

O entêrro do extinto efectuou-se no dia seguinte com grande acompanhamento, tendo se encorporado nele algumas pessoas de Mogofores onde o sr. dr. Manuel de Almeida Seabra nascera há 59 anos.

Os nossos pêsames aos doridos.

-- O tempo arribou. Se se mantiver assim ainda os nossos lavradores devem salvar bastante do que consideram perdido.

Oxalá.

C.

Esgueira, 26

Foram reeleitos no domingo os corpos gerentes da Caixa Escolar do Sexo Masculino desta localidade de que fazem parte os srs. professor Severiano Ferreira Neves, presidente; Manuel Mateus Farto, tesoureiro; Joaquim Luís de Abreu, secretário; e D. Maria Isabel Farto e Américo Ramalho, vogais.

A Direcção está na disposição de dispender a maior actividade a-fim-de angariar novos sócios e de conseguir a reentrada daqueles que, por motivos desconhecidos, se demitiram.

—Tem aqui estado de visita o nosso amigo José Marques da Loura, industrial de panificação nos Olivais (Lisboa).

—Consta-nos que os moradores, daquele casebre que fica junto à Alameda 31 de Janeiro vão dali ser desviado à intervenção das autoridades.

E' justo.

C.

Necrologia

FRANCISCO PINTO DE ALMEIDA

Como toda a gente anda enganada neste mundo!

De aspecto aparentemente robusto, a ponto de encobrir, sem dificuldade, os 72 anos, que já contava, foi, para muitos, uma surpresa, a morte de Francisco Pinto de Almeida, fundador e sócio duma das principais ourivesarias de Aveiro, para onde viera empregar-se na sua mocidade.

Frequentador da praia da Barra durante a estação calmosa, ali adoecera nos princípios de Setembro, antecipando, por isso, o seu regresso para tratamento. Mas o mal não tinha cura e Francisco Pinto de Almeida depois de ter ditado as últimas disposições perante o respectivo notário, exalou o derradeiro alento na penúltima quinta-feira, como noticiámos em duas linhas no número anterior.

Negociante atencioso e correctíssimo, a Ourivesaria Almeida & Vieira marcou na vida comercial da cidade logar de destaque. Basta dizer-se que Francisco Pinto de Almeida e Manuel Fernandes Vieira se mantiveram, juntos, à frente do negócio, durante quási meio século! Não há memória duma sociedade, entre nós, durar tanto tempo.

Natural de Santa Eulália de Vandôma, concelho de Paredes, Francisco Pinto de Almeida se não era aveirense por nascimento, era-o pelo coração. Foi aqui que se fez homem, formou o seu carácter, adquiriu conhecimentos e simpatias e criou amigos. Em paga tiveram os pobres sempre nele um protector, não se negando também a auxiliar as iniciativas que considerava de utilidade publica ou colectiva, motivo por que no seu enterro se encorporaram os representantes de várias sociedades recreativas, principalmente do Recreio Artístico e Club dos Galitos das quais era assíduo frequentador, as duas corporações de bombeiros, que contemplou com mil escudos a cada, e muitas pessoas que mantinham com o extinto estreitas relações de amisade.

A urna foi conduzida para o cemitério central no carro dos Voluntários e os ramos de flores e corôas oferecidas no do Corpo de Salvação Guilherme Gomes Fernandes, sendo a chave entregue a seu sobrinho, o sr. Joaquim dos Santos.

O Democrata, manifestando a sua mágua perante o inesperado desenlace, renova à sr.ª D. Maria Augusta Rangel de Quadros Almeida, viuva do amigo que acaba de perder, as mais sentidas condolências.

* * *

Com 82 anos também deixou de existir, no mesmo dia, a sr.ª D. Laura Adelaide da Silva Guimarãis, tia do sr. José de Sousa, há meses falecido.

Era solteira e o seu cadáver foi sepultado no cemitério velho.

* * *

No bairro piscatório igualmente se finou, domingo, José Gonçalves Andias, que no dia seguinte foi a enterrar no cemitério central, com grande acompanhamento.

Contava 76 anos e era viuvo.

* * *

Na quarta-feira sucumbiu ao pêso dos 84 anos que dia a dia o entorpeciam, o antigo industrial de sapataria, sr. António Marques de Almeida, natural desta cidade. Era solteiro e durante muitos anos esteve estabelecido com o irmão José, debaixo dos Arcos, onde, pela arte, conseguiu amealhar um pecúlio com que amparou a velhice.

Pertenceu ao Partido Republicano, tomou parte na campanha contra a introdução das irmãs de caridade no hospital e ultimamente convertera-se ao catolicismo, seguindo o exemplo de alguns companheiros, pelo que frequentava assiduamente as igrejas.

No testamento, feito há 15 anos, deixou o que lhe pertencia a várias pessoas de família e 40 contos à Misericórdia. Desde a sua fundação, é a primeira vez que o *Democrata* regista uma oferta tão valiosa concedida a favor da benemérita instituição.

Honra à memória do modesto artista aveirense!

E oxalá que aquelas pessoas que teem feito em Aveiro fortuna e vivem desafogadamente, compreendam que a felicidade não consiste só no dinheiro que, por egoismo, se arrecada, e aprendam neste gesto de António Marques de Almeida a ser também generosas, repartindo algo pelas casas de caridade a-fim-de estas cumprirem melhor a sua missão.

* * *

Ante-ontem expirou após prolongado sofrimento, Soledade Nunes da Maia, de 23 anos, apenas, e filha do sr. António dos Santos Silva.

Era solteira.

Anúncio

Nesta Administração encontra-se depositada um bicicleta que se supõe ter sido furtada e que se entrega a quem provar pertencer-lhe.

Administração do Concelho de Oliveira de Azemeis, 17 de Outubro de 1939.

Alfredo Fernandes de Andrade

Regimento de Infantaria n.º 19

Anúncio

O Conselho Administrativo dêste Regimento, faz público que no dia 7 (sete) do próximo mês de Novembro, pelas 14 horas, se procederá à arrematação dos estrumes produzidos pelos solípedes dêste Regimento e adidos, no ano de 1940.

A caução provisória é de 100$00 e a definitiva é de 10 % do valor maximo provável da venda anual.

Todos os esclarecimentos serão prestados neste Conselho Administrativo, todos os dias úteis das 14 às 17 horas.

Quartel em Aveiro, 23 de Outubro de 1939.

O Secretário,

José Barata Freire de Lima
Alferes do G. S. A. E.

Câmara Municipal de Aveiro

—o—

CONCURSO

A Câmara Municipal do Concelho de Aveiro, faz público que, por espaço de trinta dias, a contar da segunda publicação do presente anúncio no *Diário do Govêrno*, se acha aberto concurso de Promoção para o lugar de aspirante do quadro privativo da sua Secretaria, com o vencimento mensal de 700$00, lugar êste vago pelo ingresso no quadro geral administrativo dos serviços externos do Ministério do Interior do respectivo serventuário.

Aveiro e Secretaria da Câmara Municipal, 13 de Outubro de 1939.

O Presidente da Câmara,

(a) *Lourenço Simões Peixinho*

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—**AVEIRO**

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª publicação

Por êste Juizo, segunda secção, doutor Sousa, correm éditos de vinte dias, contados da última publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos para no prazo de dez dias, decorrido o prazo dos éditos, virem deduzir os seus direitos na execução fiscal administrativa que a Fazenda Nacional move contra Amaro Branquinho, casado, comerciante, de Aveiro.

Aveiro, 10 de Outubro de 1939.

O Chefe da Secção,
Carlos Hermenegildo de Sousa

Verifiquei:
O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Perestrelo Botelheiro

Comarca de Aveiro

—x—

Anúncio

2.ª publicação

Por êste Juizo, segunda secção, doutor Sousa, correm editos de vinte dias, contados da última publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos para no prazo de dez dias, decorrido o prazo dos éditos, virem deduzir os seus direitos na execução fiscal administrativa que a Fazenda Nacional move contra Agostinho Nunes Teixeira, de Vilarinho.

Aveiro, 10 de Outubro de 1939.

O Chefe da secção,
Carlos Hermenegildo de Sousa

Verifiquei.
O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Perestrelo Botelheiro

Comarca de Aveiro

—c—

Editos de 20 dias

1.ª publicação

Pela 1.ª Secção da 1.ª Vara Judicial da comarca de Aveiro e nos autos de execução fiscal administrativa que a Fazenda Nacional move contra a executada Rosa Ferreira, do Arieiro, freguesia da Palhaça, correm éditos de 20 dias, a contar da 2.ª e última publicação do presente, citando os credores desconhecidos da executada, para, no praso de 10 dias, findo o dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos nos têrmos do artigo 865 do Cod. do Proc. Civil.

Aveiro, 24 de Outubro de 1939.

Verifiquei
O Juiz de Direito da 1.ª Vara,
Perestrelo Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

—o—

Editos de 30 dias

1.ª publicação

Pela Comissão da Assistência Judiciária da comarca de Aveiro, chefe Cristo, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando o requerido João Sequeira, casado, padeiro, residente na rua Edith Cavel, n.º 15, 4.º andar, Direito, da cidade de Lisboa, para no praso de 5 dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, o pedido de Assistência Judiciária requerida por sua mulher Carminda Marques de Sousa, doméstica, residente em Sarrazola, para o fim de poder intentar acção de divórcio contra o mesmo requerido.

Aveiro, 13 de Outubro de 1939.

Verifiquei:
O Presidente da Comissão
Fernando Moreira

O Chefe de Secção
Julio Homem de Carvalho Crist

A' FECHAR

Alfredo vai à administração dum jornal onde quere anunciar a morte dum parente e pregunta:
—Quanto custa êste anúncio?
—Cincoenta centavos por centímetro.
—O', com a breca! Isso é muito caro porque o morto tinha de altura um metro e oitenta...